

GILBERTO FREYRE E A HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

AMARO QUINTAS

Universidade Católica de Pernambuco.

Os mais antigos estudos sôbre a história brasileira remontam precisamente ao primeiro século. Embora, na realidade, haja muito pouco de história, na conceituação que desta disciplina hoje temos, não podemos deixar de mencionar como pioneiro dêesses estudos o livro de Pero de Magalhães Gandavo, *Tratado da Terra do Brasil — História da Província Santa Cruz*, que Capistrano de Abreu considera história

“antes natural que civil; o mesmo se pode afirmar do Tratado (...) seus livros são uma propaganda de imigração” (1).

No século XVII ainda encontramos os *Diálogos das Grandezas do Brasil* e o *Rerum per Octennium in Brasilia* de Barlaeus como obra importante para a nascente historiografia.

No século seguinte surge o trabalho do primeiro historiador brasileiro: Frei Vicente do Salvador com a sua *História do Brasil*. Dêle disse Capistrano:

“Seu livro afinal é uma coleção de documentos, antes reduzidos que redigidos, mais histórias do Brasil do que história do Brasil. Isto que talvez esmoreceu o entusiasmo de Manuel Severino de Faria acostumado a obras vasadas em outros moldes, é o que constituirá sempre para nós o encanto e o pico do velho baiano (...). Muitas anedotas teriam sido colhidas, quebrando a monotonia pedestre ou solene com que os Rocha Pittas, os Berredos, os Jaboatões afrontaram a publicidade” (2).

Na outra centúria destaca-se Sebastião da Rocha Pitta com a sua *História da América Portuguesa*, obra que Capistrano classifica de

(1). — Introdução ao *Tratado da Terra do Brasil — História da Província Santa Cruz* — pág. 18.

(2). — Nota preliminar à *História do Brasil* de Frei Vicente do Salvador, págs. XXI e XXII.

“acatasolada” e repleta de “informações farfalhantes” (3) e que não teve a ousadia de denominá-la *História do Brasil*, como o fez o frade baiano um século antes, e sim *História da América Portuguesa*. Capistrano comentou o fato:

“Frei Vicente ultimou a *História do Brasil* em 1627; só um século mais tarde saiu Sebastião da Rocha Pitta com uma *História ... da América Portuguesa*” (4).

Manuel Bonfim também destacou a diferença de denominação, explicando-a não como mera casualidade, mas sim como fraqueza de atitude (5).

Nos fins do século XVIII os estudos históricos são, de preferência, resultantes de investigação de viajantes que aqui estiveram.

O primeiro a encarar a história brasileira com critério novo, oriundo do movimento de renovação que os estudos históricos estavam sofrendo na Europa, foi o inglês Robert Southey, poeta romântico do grupo dos chamados poetas “lakistas”, que nunca esteve no Brasil e que se abeberou, para tratar de nossa evolução, nos documentos possuídos por um tio em Portugal. Varnhagem conceitua:

“São preciosíssimos os três volumes que nos deixou pelas muitas notícias que encerram, e das quais algumas não se encontram senão aí”.

A primeira metade do século XIX se projeta como uma etapa de suma importância para a historiografia: o sentido renovador que se lhe imprime, como uma nova visão, vinda sobretudo da França, graças à sistematização dos processos de pesquisa e de investigação do passado.

O Brasil recebe êsse influxo com exuberância. Depois de Southey vamos encontrar os ingleses James Handerson (*A History of the Brazil*, London, 1821), John Armitage (*The History of Brazil, from the arrival of the Bragança family in 1808 to the abdication of Don Pedro the First in 1831*, London, 1836, 2 vols.) que, citando o astrônomo Herschel, considera a história não

“como mera resenha de tiranias e carnificinas, mas antes como o arquivo das experiências tendentes a mostrar a maneira de assegurar aos governantes as vantagens do govêrno”.

Dos alemães tivemos a contribuição valiosa de Karl von Martius com a sua memória, remetida de Munich ao Instituto Histórico Bra-

(3). — “Prolegômenos” ao livro V da *História* de Frei Vicente, pág. 442.

(4). — Nota Preliminar a Frei Vicente, *ob. cit.*, pág. XXII.

(5). — Ver *O Brasil na História*.

sileiro, intitulada “Como se deve escrever a história do Brasil”, a que se apegou o seu compatriota Heinrich Handelmann para legar-nos a sua notável *Geschichte von Brasilien*, Berlin, 1860.

Varnhagem representa, neste movimento renovador, para o Brasil o mesmo papel que Thierry e Guizot representaram para a França. A sua *História Geral do Brasil*, apesar dos pesares, é realmente um monumento. Possui graves falhas, mas não se pode contestar que significou, no nosso país uma tendência nova na análise e na investigação dos fatos históricos.

Um grande grupo, que se lhe segue, pode ser apontado no período que vai da segunda metade do século passado para a primeira metade do nosso, integrado no mesmo espírito: João Francisco Lisboa, Pereira da Silva, Norberto Silva, o barão de Rio Branco (6), Joaquim Nabuco — *Um Estadista do Império*

“minucioso estudo da biografia do seu pai e ao mesmo tempo a história mais completa do segundo reinado” (7) —

— Euclides da Cunha, Felisbello Freire, Sílvio Romero, Oliveira Lima, Pereira da Costa, Alfredo de Carvalho, Capistrano de Abreu, já cognominado de “O Príncipe dos Historiadores Brasileiros”.

Em 1933 um acontecimento de alta significação para a história dos estudos sociais em geral e para a historiografia brasileira em particular, com especialidade no seu aspecto social ou cultural, foi o aparecimento do livro *Casa Grande & Senzala* de um jovem escritor pernambucano, que fizera seus estudos superiores em Universidades norte-americanas, em uma das quais se doutorara, sendo a sua tese *Social Life in Brazil in the Middle of the 19th Century* a base da obra portentosa que se iria projetar como a mais ampla e séria interpretação do nosso passado. Chama-se êsse jovem Gilberto Freyre e a trilogia que iria iniciar se projetaria na nossa vida cultural como um marco de considerável importância. *Casa Grande & Senzala*, *Sobrados e Mocambos* e *Ordem e Progresso* representam na literatura histórico-social brasileira a maior e mais sólida tentativa de tirar a nossa história das preocupações puramente cronológicas ou episódicas, mera sucessão de guerras e revoltas, para uma compreensão de fatores, menos brilhantes e ostensivos, porém de mais intensa profundidade na nossa formação. A valorização que deu aos anúncios e notícias de jornais é de significação capital para a história social brasileira. Assim como à culinária e ao vestuário. Esta constante permanece em seus vários livros relacionados com o nosso desenvolvimento histó-

(6). — Esclarece Alcides Bezerra: “Rio Branco, como Varnhagem, só afirma o que pode provar” (*Os Historiadores do Brasil no século XIX*, pág. 15).

(7). — Alcides Bezerra, *ob. cit.*, pág. 16.

rico. *Interpretação do Brasil, Inglêses no Brasil, Um Engenheiro Francês no Brasil, Nordeste*, dão extraordinária evidência a êsses componentes sociais aparentemente modestos e que de modo tão expressivo atuaram na nossa formação, com especialidade do Nordeste Brasileiro, da cana-de-açúcar, o Nordeste agrário, a que Gilberto se acha tão telúricamente prêso, êle que é tão pernambucano, tão apaixonadamente pernambucano, sobretudo à sua cidade de Recife a que dedica um amor quase carnal, jamais admitindo trocar o burgo nassoviano — a sua casa de Santo Antônio dos Apipucos — por qualquer grande centro populacional ou universitário do mundo. Parece que até neste terreno o doce da cana-de-açúcar conseguiu influir: impregnou o sociólogo pernambucano dêsse apêgo, dêsse visgo que o liga de modo tão extremado, tão carinhoso — quase com carinhos de amante ardente e sensual, de amante muçulmano, — à sua província e à sua cidade que para êle se destaca como uma espécie de Pasárgada. Diz muito bem José Honório Rodrigues:

“Esta tem sido a linha reta dos nossos historiadores, desde Varnhagem e Capistrano, até os modernos. Mas, na verdade, Gilberto Freyre deve pouco às diretrizes da historiografia brasileira” (8).

Realmente a obra do autor de *Nordeste* representa uma verdadeira revolução no setor de nossa historiografia, com a renovação de métodos e processos. Ao critério antigo de apêgo ao detalhe e à sobrecarga de documentos, Gilberto chama a atenção para elementos, até então desprezados pela história oficial. Aos episódios heróicos e bombásticos, êle prefere o terra à terra, o cotidiano, aquilo que era reputado menos nobre pelos historiadores clássicos. Aludindo à contribuição de Capistrano neste campo de estudos, afirma José Honório Rodrigues:

“A diferença fundamental que os separa é que Capistrano de Abreu continua prêso aos métodos e às formas clássicas da síntese histórica, equilibrando os vários aspectos econômicos, sociais, políticos e jurídicos, enquanto para Gilberto Freyre a História do Brasil é essencialmente história social, com realce e destaque nos aspectos mais íntimos, mais silenciosos, mais recônditos da gente brasileira, grande ou humilde (...). Se a história, especialmente aquela que é pensada e analisada, não é uma simples coleção de fatos, é indispensável que a bagagem instrumental seja nova, mutável, segundo as circunstâncias e os fatos. Sômente os velhos antiquários “ne changent pas leur bagage” (9).

(8). — *História e Historiadores do Brasil*, pág. 169.

(9). — *Ob. cit.*, págs. 170 e 175.

Considerado por Gurvitch como o maior sociólogo de nosso tempo, de Gilberto sentenciou, com rara felicidade, Anísio Teixeira:

“Considero Gilberto Freyre o marco mais significativo no longo esforço de introspecção que vimos fazendo para tomar consciência de nosso país, de nossa história, de nossa cultura. Ficamos todos mais brasileiros com sua obra. Em outra época, seria o pensador de sua geração; neste século vinte é seu maior sociólogo (...). Não é apenas um mestre de sociologia, mas um criador de sociologia. *Casa Grande & Senzala* não tem — como ensaio de interpretação social, muitos companheiros no mundo. Gilberto Freyre se alinha com êsse livro — para ficarmos apenas no mundo ibérico — ao lado dos Ortega y Gasset, como autor, em quem a ciência, longe de limitar, amplia e projeta o gênio” (10).

Enquanto Gilberto Freyre opera essa renovação científica, no campo da história, trazendo nova perspectiva ao seu estudo e à interpretação do passado brasileiro, igual transformação realiza ao usar um instrumento de transmissão brilhante e pessoal, tornando-se criador de um estilo literário próprio, elegante, único, talvez, nos modernos escritores brasileiros. Consegue realizar aquela velha conciliação entre a história-arte e a história-ciência, fazendo lembrar o esforço empreendido por um Trevelyan na Inglaterra (11). Daí ser comparado por muitos críticos a um Proust da literatura sociológica. E' o que declara Anísio Teixeira:

“Não sei se amanhã Gilberto Freyre não será julgado mais como escritor e pensador do que como cientista. A realidade é que pertence à linhagem dos Bergson e dos Proust, fazendo o milagre, muito raro de integrar a ciência e a arte” (12).

Marco da historiografia brasileira, verdadeiro iniciador da moderna história social e cultural no nosso país, tendo provocado a formação de uma verdadeira escola de investigação de nosso passado à luz de um critério renovado, com inúmeros discípulos, alguns destacando-se pelo valor de seus trabalhos, dêle se pode ratificar plenamente o conceito de José Honório Rodrigues:

“Trata-se, portanto, de uma análise da experiência humana brasileira, vivida historicamente e apreendida por uma metodologia complexa e uma variedade de instrumentos e técnicas, tal como a deveria fazer um completo cientista social” (13).

(10). — *Gilberto Freyre, mestre e criador da Sociologia* in *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Vol. XL, julho-setembro, 1963, nº 91, págs. 29 e 38.

(11). — Ver *Clio, a Muse*, Longmans, Green and Co., London, 1949.

(12). — Trabalho cit. pág. 36.

(13). — *Ob. cit.* pág. 172.

Bem razão teve B. A. Humphreys em classificar *Casa Grande & Senzala* como *classic study* (14) e Lewis Hanke em denominar o seu excelente artigo sobre o mestre de Apipucos de *Gilberto Freyre: Brazilian Social Historian* (15), denominação que aproveitei para configurar o autor de *Ordem e Progresso* como fronteira na nossa historiografia, fronteira anunciadora de uma nova tendência e uma nova técnica que renovaram, por completo, a História do Brasil.

(14). — *Latin American History (a guide to the literature in English)*, Oxford University Press, 1958, pág. 122.

(15). — *Quarterly Journal of Inter-American Relations*, I, 1939, págs. 24-44.